

Capítulo 2

DA VISÃO PARADIGMÁTICA AO EXERCÍCIO TEÓRICO-PRÁTICO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: O CASO DE PORTUGAL

Fernanda Ribeiro

BREVE PANORÂMICA DA EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO EM PORTUGAL

Portugal é um dos países no mundo onde mais cedo se iniciou a formação superior em Documentação/Informação. Efetivamente, o Decreto de 29 de dezembro de 1887, que criou a Inspeção Geral das Bibliotecas e Arquivos Públicos, instituiu, no seu art. 13º, um Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista, cujo currículo era constituído por matérias de História Nacional e Universal, Filologia, Literatura latina e grega e Literatura moderna (íntegradas no Curso Superior de Letras) e pelas disciplinas de Diplomática, Numismática e Bibliologia (ministradas na Biblioteca Nacional e no Arquivo Nacional da Torre do Tombo). Em 22 de março de 1911, com a criação da Universidade de Lisboa, o Curso Superior de Letras foi absorvido pela nova Faculdade de Letras e,

assim, uma parte importante do Curso de Bibliotecário-Arquivista foi transferida para a esfera universitária, embora as temáticas mais técnicas e de formação especializada continuassem a ser ministradas no Arquivo da Torre do Tombo e na Biblioteca Nacional, até que, em 1918, o Curso ficou integralmente sob a tutela da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Era um curso superior, com duração de três anos, que oferecia uma formação profissional especializada, mas não conferia o grau de licenciatura. Tinha a particularidade de formar simultaneamente bibliotecários e arquivistas, modelo muito pouco comum na época (e ainda hoje não muito habitual) em outros países da Europa e nos Estados Unidos.

Os desenvolvimentos posteriores à instauração de um novo regime político de cariz ditatorial, em 1926, introduziram mudanças significativas na estrutura e na natureza do Curso. Assim, em 1931, o Curso Superior de Bibliotecário-Arquivista foi modificado e tornou-se um curso “exclusivamente profissional”, com duração de dois anos e dependente da Inspeção de Bibliotecas e Arquivos, passando a ser uma pós-graduação. Mas esta alteração teve vida curta e, em 1935, a formação superior de bibliotecários e arquivistas, de nível pós-graduado, voltou à universidade, desta feita à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por ser considerado que aí havia recursos essenciais ao ensino das disciplinas de teor mais prático. Esta remodelação manteve a estrutura curricular em dois anos e acrescentou um estágio com a duração de seis meses. No primeiro ano do curso, eram lecionadas as disciplinas de Paleografia e Diplomática, Numismática e Esfragística, Bibliografia e Biblioteconomia e, no segundo ano, um Curso de Especialização em Paleografia e a disciplina de Arquivologia.

O Curso de Bibliotecário-Arquivista manteve-se em vigor até 1982, ano em que foi extinto e substituído pelo Curso de

Especialização em Ciências Documentais (CECD). Durante quase 100 anos, o Curso de Bibliotecário-Arquivista fora praticamente a única formação para os profissionais de documentação/informação em Portugal¹, tendo mantido a característica, muito singular, de proporcionar uma formação integrada tanto para arquivistas, como para bibliotecários.

O novo CECD iniciou o seu funcionamento nas Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra e da Universidade de Lisboa, em 1983, e na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em 1985. Este modelo formativo introduziu uma mudança estrutural, que se traduziu na separação da formação dos arquivistas da dos bibliotecários/documentalistas, por meio da criação de duas “opções” distintas no segundo ano do curso. Todavia, apesar desta alteração, continuou a constituir-se como a formação única e indispensável para quem quisesse exercer atividade profissional em Arquivos ou Bibliotecas/Centros de Documentação da administração pública.

Apesar de ter a designação de “curso de especialização”, o CECD era, na realidade, um curso de formação inicial, pois até 2001 não existia em Portugal formação superior, ao nível da licenciatura, nesta área do conhecimento. O modelo do CECD teve larga expansão em Portugal, sobretudo depois do ano 2000, tanto em universidades públicas quanto em privadas (Pinto, 2008), que recorriam a profissionais das bibliotecas e dos arquivos para, em regime de *part-time*, lecionarem as disciplinas de caráter mais técnico. Embora fosse o único modelo de formação, começou a

¹ Excetua-se, entre 1969 e 1974, o funcionamento em Lisboa de um “Estágio Técnico”, destinado à preparação de bibliotecários, arquivistas e documentalistas, o qual conferia igualmente habilitação própria para o desempenho destas funções na administração pública, as quais, até então, somente podiam ser asseguradas por diplomados com o curso de bibliotecário-arquivista.

ser alvo de críticas por parte da comunidade profissional da área BAD (Biblioteca, Arquivo e Documentação), quase logo após a sua institucionalização, devido fundamentalmente a:

- falta de formação prévia, ao nível da licenciatura;
- falta de docentes de carreira académica na esmagadora maioria das universidades onde existia o curso;
- desatualização dos conteúdos lecionados.

A larga implantação que teve em muitas das universidades portuguesas, públicas e privadas, não fez com que este modelo formativo contribuisse para consolidar a área do ponto de vista académico e científico, não só pelo facto de serem escassos os docentes de carreira académica, como também porque a investigação científica era praticamente inexistente, uma vez que os docentes exerciam uma atividade profissional fora da academia e não tinham condições, nem tempo, para se dedicarem à investigação. Na verdade, até 2001, a formação em Portugal era essencialmente de cariz profissional e destinava-se a preparar técnicos para exercerem funções em bibliotecas, arquivos e centros de documentação, maioritariamente na administração pública.

A TRANSIÇÃO PARADIGMÁTICA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

A criação da Licenciatura em Ciência da Informação (CI) na Universidade do Porto marca um momento muito importante no campo da formação na área, não só porque foi assumida, pela primeira vez, a designação de “Ciência da Informação”, mas também porque com ela se iniciaram os estudos em CI no ensino superior universitário, em igualdade de circunstâncias com as licenciaturas de todos os outros campos do saber. Foi, realmente, uma mudança de paradigma no verdadeiro sentido do termo,

devidamente fundamentada em estudo, pensamento crítico e debate prévio, sobre o estatuto epistemológico e científico da área, levados a cabo por docentes de várias universidades em que era ministrada formação segundo o modelo CECD.

Alguns autores têm refletido sobre a questão dos paradigmas que permitem caracterizar a evolução e a maturidade do campo científico da Documentação/Informação, dos quais selecionamos José Maria Izquierdo Arroyo e Rafael Capurro, pela sua importância para esta questão².

Num estudo sobre o contributo de Paul Otlet para a Ciência da Informação, intitulado *La Organización documental del conocimiento*, José Maria Izquierdo Arroyo (1995) identifica três paradigmas a partir do pensamento do autor do *Traité de la Documentation* (Otlet, 1934), a saber: o *paradigma biblioteconómico ou pré-documental*; o *paradigma atual ou a Ciência Normal da Documentação*; e o *paradigma semiótico-documental ou interdocumental*. O autor distingue os três paradigmas de acordo com a sequência histórica que tiveram e em relação com sete fases de investigação: “0.^a Conservación físico-topológica de documentos; 1.^a Acopio pertinente y exhaustivo de documentos; 2.^a Lectura de cada documento de 1.^a; 3.^a Segmentación interna de cada documento, produciendo fichascitas (textuales, o condensadas) depositables en un fichero; 4.^a Esquematzación de segmentos tomados de 3.^a; 5.^a Cotejo y contrastación de segmentos y/o de esquemas teóricos derivados de su síntesis (3.^a/4.^a); 6.^a Creatividad: establecimiento de nuevas relaciones, combinaciones, etc., para la elaboración de nuevos documentos, a partir de 5.^a” (Izquierdo Arroyo, 1995, p. 19-20).

² Não cabe neste texto um desenvolvimento da questão dos paradigmas na Ciência da Informação, pelo que remetemos os leitores para abordagens mais aprofundadas: Silva e Ribeiro, 2012; Ribeiro e Silva, 2016.

Izquierdo Arroyo analisa detalhadamente o pensamento de Paul Otlet, que considera como fundador de uma ciência distinta da Biblioteconomia e da Bibliologia (situadas no paradigma biblioteconómico ou pré-documental), pelo que a criação e a institucionalização da Ciência Normal da Documentação correspondem, na sua opinião, a um novo paradigma científico-profissional. Por último, considera uma nova fase em que existe uma plena correspondência entre a atividade de investigação (ciência) e a atividade do moderno documentalista, em que são postas em prática as ideias visionárias de Paul Otlet.

Numa outra linha de pensamento, coloca-se Rafael Capurro, cujas posições podem ser apreciadas no texto da palestra proferida em novembro de 2003, no V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, realizado em Belo Horizonte, Brasil (Capurro, 2003) e no qual identifica três paradigmas: um *paradigma físico*; um *paradigma cognitivo*; e um *paradigma pragmático e social*.

A tese de Capurro, seguindo as suas próprias palavras, é que a Ciência da Informação surge em meados do século XX com um paradigma físico, que tem na sua raiz a “Teoria Matemática da Informação” de Claude Shannon e Warren Weaver e a “Cibernética” de Norbert Wiener, formuladas em meados do século XX. Este paradigma, aplicado ao campo da CI, exclui “nada menos que o papel ativo do sujeito cognoscente ou, de forma mais concreta, do usuário, no processo de recuperação da informação científica, em particular, bem como em todo processo informativo e comunicativo, em geral. Não por acaso, essa teoria refere-se a um “receptor” (*receiver*) da mensagem. Não é de se estranhar que os limites dessa metáfora hajam conduzido ao paradigma oposto, o cognitivo” (Capurro, 2003).

O terceiro paradigma – *pragmático e social* – constitui uma reação contra o cognitivo, ou seja, contra a ideia de considerar a informação desligada do utilizador condicionado pelo mundo em que ele realmente se situa e age.

Uma apreciação crítica destes paradigmas foi apresentada por Silva e Ribeiro (2012), considerando, nomeadamente, as propostas de Capurro, essencialmente como teorias, e de uma forma geral como uma perspectiva de abordagem cumulativa e fragmentária, que não vai ao encontro na noção de paradigma tal como foi formulada por Thomas Kuhn (2000).

Numa perspectiva diferenciada e mais próxima da formulação de Kuhn, que tem um caráter mais “evolucionista” e não fragmentário, Armando Malheiro da Silva e a autora, num ensaio intitulado *Das “Ciências” Documentais à Ciência da Informação* (Silva e Ribeiro, 2002), que deu suporte epistemológico e teórico à criação da Licenciatura em CI na Universidade do Porto, identificaram e caracterizaram dois paradigmas – o *paradigma historicista, custodial, patrimonialista e tecnicista* e o *paradigma pós-custodial, científico e informacional* –, que se abordam de seguida.

A designação e caracterização dos referidos paradigmas partem da seguinte definição operativa: “paradigma - consiste genericamente numa forma de ver/pensar e agir comum a uma grande maioria de cientistas (dentro de seu campo disciplinar específico) de diferentes línguas e nacionalidades distribuídos por mais de uma geração”. Nesta conformidade, podemos então enunciar os traços essenciais e a caracterização de cada um dos mencionados paradigmas.

Paradigma historicista, custodial, patrimonialista e tecnicista

No que toca à afirmação e formação profissional, que tiveram início em meados do século XIX, importa salientar o seguinte:

- A formação é obtida no âmbito de instituições (Bibliotecas e Arquivos Nacionais);

- Verifica-se uma disseminação do modelo francês, instituído com a criação da École Nationale des Chartes em 1821;
- A formação é ministrada pelas associações profissionais (sobretudo a partir do início do século XX), sendo raros os casos de formação universitária;
- A formação tem um enquadramento histórico, erudito e científico, sendo baseada nas questões da custódia e da elaboração de instrumentos de pesquisa para apoiar, essencialmente, o trabalho dos historiadores.

O modelo francês, custodial, histórico-positivista e patrimonialista ganhou novos matizes a partir do final do século XIX, verificando-se um aprofundamento da componente técnica e uma crescente autonomização da Arquivística, da Biblioteconomia e da Museologia em relação à História, afirmando-se como disciplinas de saber individualizado.

No que diz respeito à investigação, neste paradigma ela é praticamente inexistente, aspeto que Delgado López-Cózar (2002) lucidamente identificou ao afirmar que “no desenvolvimento da ByD [biblioteconomia e documentação], a teoria seguiu a prática, não a dirigiu nem a guiou. A pesquisa, em particular, e a ByD como disciplina, em geral, têm suas raízes na prática bibliotecária” (Delgado López-Cozar, 2002, p. 24).

Não existindo uma fundamentação teórico-metodológica, capaz de apoiar o trabalho do investigador, a atividade prática não tem, naturalmente, um estatuto de cientificidade, resumindo-se antes a uma aplicação de técnicas e normas procedimentais. Com efeito, a atividade profissional domina as atividades. O trabalho dos bibliotecários, arquivistas, museólogos e documentalistas baseia-se, sobretudo, na aplicação de normas e regras técnicas, sem o respaldo de teorias interpretativas e de métodos de pesquisa

qualitativa e quantitativa, característicos das Ciências Sociais e Humanas.

Recorrendo à obra de Silva e Ribeiro (2002), já referida, podemos então enunciar as características que identificam o paradigma custodial, histórico-patrimonialista e tecnicista:

- Sobrevalorização da custódia ou guarda, conservação e restauração dos suportes;
- Serviço/missão custodial e público de Arquivo, Biblioteca e Museu, com a preservação da cultura “erudita”;
- Ênfase na memória como fonte legitimadora do Estado-Nação e na cultura como reforço identitário do mesmo Estado;
- Importância crescente do acesso ao “conteúdo” (legado tecnicista de Paul Otlet e Henri La Fontaine);
- Desenvolvimento de serviços/instituições públicas (Arquivos, Bibliotecas, Museus) e de um forte espírito corporativo que promove a confusão entre prática profissional e ciência.

Paradigma pós-custodial, informacional e científico

No que concerne à formação superior universitária (iniciada com a licenciatura e com progressão para o mestrado e o doutoramento), esta deve seguir um desenho curricular que procura eliminar as separações artificiais verificadas na formação tradicional de arquivistas, bibliotecários/documentalistas e museólogos. Esta perspetiva unitária busca, também, fazer a síntese com a área dos Sistemas (tecnológicos) de Informação,

tendo as Organizações em geral como seu campo privilegiado, porque muito vasto, de trabalho e de profissionalização.

A investigação não pode ser separada dos fundamentos teóricos (com preferência pela Teoria Sistémica (Mella, 1997)) nem da questão metodológica (Método Quadripolar (De Bruyne, Herman, De Schoutheete, 1974)), devendo conduzir ao desenvolvimento de projetos de pesquisa teórica e aplicada e a formação de nível pós-graduado (mestrado e doutorado). A componente teórica dá, naturalmente, suporte à prática profissional, que se desenrola com novas formas de intervenção. Podemos, a título ilustrativo, citar como exemplos:

- a valorização do contexto em que a informação é produzida;
- a análise dos fluxos e usos da informação;
- o estudo do comportamento informacional, tendo em conta as questões psicológicas e cognitivas;
- o entendimento dos procedimentos técnico-normativos como operações metodológicas e não como um fim em si mesmos.

Também no caso do paradigma pós-custodial, informacional e científico, podemos enunciar de forma sintética as suas características essenciais, em consonância com a obra de Silva e Ribeiro (2002), já antes referida:

- Valorizar a informação como fenómeno humano e social;
- Considerar o dinamismo informacional em oposição à “imobilidade” documental;
- Dar prioridade absoluta ao acesso à informação, uma vez que só o acesso legitima a custódia e a conservação;

- Questionar, compreender e explicar/conhecer a informação social por meio de modelos teórico-científicos;
- Adotar uma postura alinhada com as Ciências Sociais e comprometida com a compreensão do social e do cultural, com evidentes implicações nos modelos de formação;
- Substituir a lógica instrumental por uma lógica científico-compreensiva.

Esta caracterização do paradigma pós-custodial, informacional e científico, que aqui brevemente traçamos, remetendo o leitor para os trabalhos de maior fôlego em que esta problemática foi abordada (Silva e Ribeiro, 2002; 2012), sustenta a visão adotada na Universidade do Porto aquando da implementação de um novo modelo formativo, iniciado com a Licenciatura em Ciência da Informação, criada em 2001, de que nos ocuparemos no ponto seguinte.

DA VISÃO PARADIGMÁTICA AO MODELO DE FORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DO PORTO

A Licenciatura em Ciência da Informação (LCI) resultou da conjugação de esforços de duas Faculdades da Universidade do Porto que já possuíam experiência na área: a Faculdade de Letras, onde existia o Curso de Especialização em Ciências Documentais (CECD) desde 1985; e a Faculdade de Engenharia, que ministrava um Mestrado em Gestão da Informação (MGI) desde 1997.

A LCI, criada em 2001, foi a primeira licenciatura na área da Ciência da Informação numa universidade portuguesa e também o primeiro curso superior a adotar a designação de “Ciência da Informação”, nome que, simbólica e efetivamente, procurou evidenciar a mudança de paradigma que esteve subjacente à sua

conceção e que em traços gerais enunciámos no ponto anterior. A licenciatura surgiu como resposta ao desatualizado CECD e foi precedida de uma profunda reflexão sobre a área da Ciência da Informação, seus fundamentos teóricos e epistemológicos, levada a cabo por docentes de várias universidades portuguesas, que lecionavam nos CECD ou na área de Sistemas de Informação (Silva e Ribeiro, 2002). Foi em resultado deste trabalho que começou a tomar forma um novo modelo de formação, atualizado e inovador, com óbvias consequências para o desenho do plano curricular da licenciatura (ver Anexo 1) que viria ser a primeira no País.

Uma das inovações que a LCI introduziu foi a formação integrada para arquivistas, bibliotecários/documentalistas e museólogos (Ribeiro, 2007), numa *perspetiva unitária* que eliminou a separação tradicional e artificial entre as áreas de Arquivo e de Biblioteconomia e Documentação, existentes nos CECD, e acrescentou valor ao fazer a síntese com a área dos Sistemas Tecnológicos de Informação. Nesta perspetiva, o desenho do plano de estudos desenvolve-se em torno da *área científica nuclear* (a Ciência da Informação), que de forma transdisciplinar agrega e funde as subáreas anteriores, agora consideradas como disciplinas aplicadas dentro da CI, e de algumas *áreas científicas complementares*, que se articulam de forma interdisciplinar com a CI, a saber: as Ciências da Computação e as Ciências Humanas e Sociais (incluindo as Ciências da Administração e da Gestão, as Ciências da Comunicação, as Ciências da Linguagem, o Direito, a História, a Filosofia), como se ilustra no diagrama seguinte.

Figura 1 - Diagrama da construção trans e interdisciplinar da Ciência da Informação



Fonte: Silva (2006, p. 28)

A LCI da Universidade do Porto, embora tenha uma matriz humanista e social, possui uma forte componente tecnológica e está muito direccionada para os desafios da gestão da informação em qualquer contexto organizacional. À medida que foi sendo conhecida, despertou grande interesse, tanto por parte dos estudantes que concluem o ensino secundário quanto por parte das organizações que procuram os serviços de profissionais da informação. Esta procura tem vindo a revelar-se cada vez mais acentuada, dada a necessidade premente de gerir e avaliar informação nos diversos contextos organizacionais, e prevê-se que continue a crescer, fruto do impacto da Inteligência Artificial na produção, organização e gestão da informação.

O modelo formativo iniciado com a criação da LCI progrediu para os níveis de mestrado e de doutoramento e alargou-se a outras Universidades, havendo hoje vários cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento com designações semelhantes e com desenhos curriculares em parte similares. Importa, contudo, assinalar que, a Universidade do Porto tem feito uma evolução no sentido da consolidação de um campo científico mais amplo, o das Ciências da Comunicação e Informação, cujo objeto de estudo se foca no fenómeno e processo infocomunicacional (Ribeiro e Silva, 2018).

A formação em CI em Portugal, na atualidade, distribui-se da seguinte forma:

Figura 2 - Instituições portuguesas que ministram formação em CI

Instituição	Curso
Instituto Politécnico do Porto – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto	Licenciatura em Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação
Instituto Politécnico do Porto – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto	Mestrado em Informação Empresarial
Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras	Licenciatura em Ciência da Informação
Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras	Mestrado em Ciência da Informação
Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras	Doutoramento em Ciência da Informação
Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras	Mestrado em Ciências da Documentação e Informação

Instituição	Curso
Universidade de Lisboa – Faculdade de Letras	Doutoramento em Ciência da Informação
Universidade do Porto – Faculdade de Letras e Faculdade de Engenharia	Licenciatura em Ciência da Informação
Universidade do Porto – Faculdade de Engenharia e Faculdade de Letras	Mestrado em Ciência da Informação
Universidade do Porto – Faculdade de Letras	Doutoramento em Ciências da Comunicação e Informação

Fonte: a autora.

REFLEXÕES FINAIS

No corrente ano de 2025, está a decorrer em Portugal a avaliação dos cursos de CI pela Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior. Este processo constitui uma excelente oportunidade para se repensarem planos de estudos e se fazer uma reflexão sobre os desafios a enfrentar nesta área, nos próximos seis anos³.

O acelerado desenvolvimento da Inteligência Artificial e o uso democratizado de ferramentas como o ChatGPT, assim como as alterações nos modos de trabalho e de vida, nas relações sociais e nos processos infocomunicacionais, tornam urgente uma reflexão profunda sobre o futuro da CI e sobre a formação académica que é necessário ministrar para fazer face aos novos desafios societais. Muitas das tarefas técnicas de processamento e organização de informação serão inevitavelmente realizadas por

³ Em Portugal, a avaliação dos cursos no ensino superior realiza-se a cada seis anos e é no quadro desse processo de avaliação que é possível fazer alterações curriculares e atualizações de conteúdos programáticos.

não-humanos. Mas isso não significa que a sua aprendizagem deva ser abolida dos currículos dos cursos de CI, pois todas as problemáticas e atividades inerentes à gestão da informação nas organizações, implicando avaliação, seleção, eliminação e decisões sobre o que preservar para memória futura, continuarão a não dispensar a intervenção humana. Por outro lado, os especialistas em gerir informação terão certamente lugar nas equipas que desenvolvem os sofisticados algoritmos, para ajudarem a otimizá-los de forma cada vez mais fiável e sustentada. Acreditamos, pois, que as competências de organização e gestão de informação serão cada vez mais indispensáveis no futuro (já presente) mundo digital em que nos movemos e no qual a informação verdadeira e útil terá, indubitavelmente, um valor inestimável.

REFERÊNCIAS

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (Enancib), 5., Belo Horizonte, 2003. **Anais** [...] Belo Horizonte: UFMG, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em 13 abr. 2025.

DE BRUYNE, Paul; HERMAN, Jacques; DE SCHOUTHEETE, Marc. **Dynamique de la recherche en sciences sociales de pôles de la pratique méthodologique**. Paris: P.U.F., 1974.

DELGADO LÓPEZ-CÓZAR, Emílio. **La Investigación en biblioteconomía y documentación**. Gijón: Ediciones Trea, 2002.

IZQUIERDO ARROYO, José Maria. **La Organización documental del conocimiento: I/1. El marco documental**. 2. ed. Madrid: Tecnidoc, 1995.

KUHN, Thomas S. **A Estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

MELLA, Piero. **Dai Sistemi al pensiero sistemico: per capire i sistemi e pensare con i sistemi**. Milano: Franco Angeli, 1997.

OTLET, Paul. **Traité de Documentation: le livre sur le livre**. Bruxelles: Editions Mundaneum, 1934.

PINTO, Maria Manuela Gomes de Azevedo. A Formação em informação e documentação: Portugal na contemporaneidade. **Páginas a&b**: arquivos e bibliotecas. 2ª série. 1, 7-62, 2008.

RIBEIRO, Fernanda. An integrated perspective for professional education in Libraries, Archives and Museums: a new paradigm, a new training model. **Journal of Education for Library and Information Science**. Chicago. 48:2, 116-124, 2007.

RIBEIRO, Fernanda; SILVA, Armando Malheiro da. - The Interdisciplinary field of Information and Communication: a preliminary study on the current structure of iSchools. In.: COLLOQUE ISKO FRANCE 2017, 11^e, Paris, 2017 - **Fondements épistémologiques et théoriques de la Science de l'Information-Documentation** : actes... Widad Mustafa El Hadi (Coord.). London: ISTE Editions, 2018.

RIBEIRO, Fernanda; SILVA, Armando Malheiro da. The Epistemological maturity of Information Science and the debate around the paradigms. In: KELLY, M.; BIELBY, J. (eds.). **Information cultures in the digital age**: a festschrift in honor of Rafael Capurro. Springer, 2016. p. 111-124. DOI 10.1007/978-3-658-14681-8.

SILVA, Armando Malheiro da. **A Informação**: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico. Porto: Edições Afrontamento; CETAC.COM, 2006.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda.
Documentation / Information and their paradigms: characterization
and importance in research, education, and professional practice.
Knowledge Organization, [s.l.], v. 39, n. 2, p. 111-124, 2012.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Das
“Ciências” Documentais à Ciência da Informação**: ensaio
epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Edições
Afrontamento, 2002.

ANEXO 1

Plano de estudos da Licenciatura em Ciência da Informação

1º ano – 1º semestre	1º ano – 2º semestre
História da Cultura (FLUP)	Fundamentos de Gestão (FEUP)
Introdução aos Sistemas e Ciência da Informação (FEUP)	História da Administração Pública (FLUP)
Lógica (FLUP)	Inglês Técnico (FLUP)
Pensamento Computacional (FEUP)	Linguística (FLUP)
Técnicas de Expressão e de Comunicação (FLUP)	Sistemas Computacionais e de Comunicação (FEUP)
2º ano – 1º semestre	2º ano – 2º semestre
Estatística (FEUP)	Comportamento Informacional (FLUP)
Fontes de Informação e Serviços de Referência (FEUP)	Controlo de Autoridade e Indexação (FLUP)
Meta-informação Descritiva (FLUP)	Informação para a Internet (FEUP)
Noções Fundamentais de Direito (FLUP)	Sistemas de Informação nas Organizações (FEUP)
Teoria e Metodologia da Ciência da Informação (FLUP)	Opção 1
3º ano – 1º semestre	3º ano – 2º semestre
Análise de Sistemas de Informação (FEUP)	Bases de Dados (FEUP)
Gestão da Informação (FEUP)	Preservação e Conservação (FLUP)
Recuperação da Informação (FEUP)	Sistemas de Apoio à Decisão (FEUP)
Serviços de Arquivo, Biblioteca e Museu (FLUP)	Projeto (desenvolvido em organizações externas)
Opção 2	

FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto - FEUP -
Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

Unidades curriculares (UC) optativas:

Opção 1:

Comunicação Organizacional

Ética da Informação

Tecnologia Multimédia

Qualquer outra UC da Universidade do Porto

Opção 2:

Gestão de Projetos e Plano de Negócios

Serviços de Informação Empresarial

Disponível em:

https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2024&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=L&pv_curso_id=454.

Acesso em: 10 out. 2025

ANEXO 2

Plano de estudos do Mestrado em Ciência da Informação

1º ano – 1º semestre	1º ano – 2º semestre
Gestão do Conhecimento e Colaboração (FEUP)	Análise de Conteúdo e Indexação (FLUP)
Representação do Conhecimento (FEUP)	Direito da Informação (FLUP)
3 UC optativas de: - Análise e visualização de dados (FEUP) - Informação e Comunicação Científica (FLUP) - Interação pessoa-computador (FEUP) - Psicologia Cognitiva (FLUP) - Segurança da Informação (FEUP) - Qualquer outra UC da Universidade do Porto	3 UC optativas de: - Arquitetura da Informação (FEUP) - Arquivos e Bibliotecas Digitais (FEUP) - Engenharia de Requisitos de Sistemas de Informação (FEUP) - Gestão da Informação em Redes Sociais (FEUP) - Gestão de Dados de Investigação (FEUP) - Qualquer outra UC da Universidade do Porto
2º ano – 1º semestre	2º ano – 2º semestre
Consultoria em Gestão da Informação (FEUP)	Dissertação / Projeto
Metodologia da Investigação (FLUP+FEUP)	
1 UC optativa de: - Preservação Digital (FEUP) - Sistemas de Informação Analíticos (FEUP) - Sociedade da Informação (FEUP)	
Dissertação / Projeto	

FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto. FEUP - Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto. Disponível em: https://sigarra.up.pt/feup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2024&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=M&pv_curso_id=737. Acesso em: 10 out. 2025

ANEXO 3

**Plano de estudos do Programa Doutoral em Ciências da
Comunicação e Informação (FLUP)**

1º ano – 1º semestre	1º ano – 2º semestre
Paradigmas e Problemáticas da Comunicação e Informação	Análise e Extração de Dados
3 UC optativas de: - Comportamento Infocomunicacional - Comunicação Estratégica, Políticas e Sociedade - Estudos Avançados de Media e Jornalismo - Media Digitais e Dinâmicas Sociais da Internet - Modelos e Práticas de Gestão da Informação - Sistemas e Serviços de Informação	Métodos e Técnicas de Investigação
	Projeto de Tese
2º e 3º anos (3º ao 6º semestres)	
Seminário de Investigação	
Tese	

FLUP - Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em: https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2024&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=D&pv_curso_id=31041. Acesso em: 10 out. 2025.

Como citar:

RIBEIRO, Fernanda. Da visão paradigmática ao exercício teórico-prática em Ciência da Informação: o caso de Portugal *In*: SALDANHA, Gustavo Silva. (org.). **A Ciência da Informação documental no espaço ibero-americano**: abordagens contemporâneas e perspectivas. Brasília: Editora Ibict, 2025. p. 45-69. DOI: <https://doi.org/10.22477/9788570132345.cap2>